

## **Pela janela da minha casa:** *experiências de ações curriculares com as artes na pandemia*

**Through the window of my house:**  
*experiences of curricular actions with arts during the pandemic*

**Por la ventana de mi casa:**  
*experiencias de acciones curriculares con las artes durante la pandemia*

**🔗 RAFAELA RODRIGUES DA CONCEIÇÃO\***

Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro – RJ, Brasil.

**🔗 ROBERTA GUIMARÃES TEIXEIRA\*\***

Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro – RJ, Brasil.

**🔗 TALITA DOS SANTOS MALHEIROS GREGORIO\*\*\***

Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro – RJ, Brasil.

**RESUMO:** Este artigo é a junção das narrativas de três educadoras/pesquisadoras acerca de ações curriculares com as artes durante o período pandêmico (2020-2022). Com foco nas ‘*prácticasteorias*’<sup>1</sup> de criação e uso, objetiva mostrar a potência das artes e dos artefatos culturais no ‘*fazerpensar*’ o currículo escolar para além de fundamentalismos pedagógicos, regulações e normatividades. Trazendo conversas e experimentações com arte como método de trabalho, percebemos que a criação de afetos não tem fronteiras virtuais ou físicas. Seu resultado é evidenciar o potencial criador nas adversidades, no conflito entre virtual e real, isolamento e liberdade. As experiências contam que,

---

\* Doutoranda em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Professora dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental na rede particular de ensino e no Colégio Pedro II. *E-mail:* <prof.rafaelarodrigues@gmail.com>.

\*\* Doutoranda em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Professora na Prefeitura Municipal de Nilópolis e no Curso de Licenciatura em Pedagogia na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. *E-mail:* <robegui@gmail.com>.

\*\*\* Mestre em Educação e professora de Artes Visuais na Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro. *E-mail:* <tatamalheiros@yahoo.com.br>.

independentemente dos caminhos e ambientes, a arte potencializa modos de *'fazerpensar'* os currículos.

*Palavras-chave:* Pandemia. Currículos. Redes educativas. Artes. Criações.

**ABSTRACT:** This article is the combination of the narratives of three educators/researchers about curricular actions with arts during the pandemic period (2020-2022). Focusing on the *'practicaltheories'* of creation and use, it aims to show the power of arts and cultural artifacts in *'makingthinking'* the school curriculum beyond pedagogical fundamentalisms, regulations and norms. By bringing conversations and experiments with art as a working method, we realize that the creation of affection has no virtual or physical borders. Its result is to highlight the creative potential in adversity, in the conflict between virtual and real, isolation and freedom. Experiences tell us that, regardless of the paths and environments, art enhances ways of *'makingthinking'* curricula.

*Keywords:* Pandemic. Curricula. Educational networks. Arts. Creations.

**RESUMEN:** Este artículo es la confluencia de las narrativas de tres educadores/investigadores sobre acciones curriculares con las artes durante el período pandémico (2020-2022). Concentrándose en *'prácticasteorías'* de creación y uso, tiene como objetivo mostrar el poder de las artes y los artefactos culturales en el *'hacerpensar'* el currículo escolar más allá de los fundamentalismos pedagógicos, regulaciones y normas. Al traer conversaciones y experimentos con el arte como método de trabajo, nos damos cuenta de que la creación de afecto no tiene fronteras virtuales ni físicas. Su resultado es resaltar el potencial creativo en la adversidad, en el conflicto entre lo virtual y lo real, el aislamiento y la libertad. Las experiencias nos dicen que, independientemente de los caminos y entornos, el arte potencia las formas de *'hacerpensar'* los currículos.

*Palabras clave:* Pandemia. Currículos. Redes educativas. Artes. Creaciones.

## Introdução

**C**omeçamos este artigo com uma poesia escrita pela amiga e pedagoga Denise Cruz Candido Miranda de Souza (2021), da rede pública de Educação Infantil da Secretaria Municipal de Educação de Nilópolis, fazendo lembrar o tempo da pandemia da Covid-19 no Brasil e no mundo:

*Pela janela da minha casa  
Observo o mundo e suas transformações  
Pela janela do meu espelho  
O mundo interno, redescubro  
E me reinvento em meio às  
minhas emoções.*

*Mais que um novo tempo,  
Uma NOVA ERA se anuncia!  
À medida que aprendemos  
A lidar com um novo e inesperado dia a dia.*

*Ver o tempo cronológico em outra proporção  
E o espaço sendo recriado em um novo chão  
Que ora concreto, ora virtual  
Faz do que é distante, mais perto  
Faz do que é estranho, outra forma de ser real*

*Recriar é preciso!  
Amar é preciso!  
Esperançar é preciso!  
Nada de buscar um “novo normal”  
Esperançar o “novo”, já basta, é este o ideal!*

*Esperançar uma humanidade recriada  
Na solidariedade, na vida compartilhada  
Em que a natureza é mãe  
O outro é irmão  
E celebrando as diversidades  
Todos se deem as mãos!*

*Há coisa mais linda  
do que ensinar a esperançar?  
Só se ensina a esperançar,  
esperançando.  
Como se ensina a amar,  
amando.*

*Que seja papel de toda e qualquer escola  
Do “por vir” ao agora*

*Direitos totalmente fundamentais ensinar:  
“toda pessoa tem direito de esperar” e...  
“toda pessoa tem o direito de conseguir respirar”.*

*Que a vacina nos traga a cura,  
E que venha acompanhada de cuidado e ternura.*

Denise Cruz Candido Miranda de Souza, (2021).

Março de 2020. A pandemia chegou, e com ela o isolamento social se tornou necessário. Afastamo-nos presencialmente dos trabalhos, das ruas, das famílias, das diversões ao ar livre, das rotinas. Acostumamo-nos a usar as janelas – reais e virtuais – para tentar respirar um pouco em meio ao caos.

Ficamos muito mais atentos às imagens, sons e sentimentos que nos rodeavam cotidianamente em casa e a cada demanda de trabalho, estudo e diversão. “Muitas e novas demandas nos foram impostas e tivemos que reaprender hábitos que nos eram comuns” (MALHEIROS, 2023, p. 34). Reconfiguramos nossa forma de lidar com o mundo e nos conectamos com outros desenhos de vidas e de redes, e sem esperar ou planejar de antemão passamos a consumir, criar, divulgar e circular uma nova cultura cibernética.

Nos colocamos em múltiplas dimensões nos *‘espaçostempos’* em que a relação presente, passado e futuro, presença e física e virtual se confundiam, no sentido de fundir-se, e já não nos darmos conta do *‘tempoespaço’* em que nos encontrávamos.

Nas contingências do presente, as escolas e as universidades são *‘espaçostempos’* que se dobram entre o corpo-presença-física e o corpo-presença-virtualizada. Nossos corpos estão ali, no pátio, nas salas, mas também em outros lugares, gravitando no ciberespaço que transborda pelas ruas, pelas casas, pelos escritórios e, claro, pelas salas de aula. [...] Existir hoje em dia é estar multiplicado em *‘tempoespaços’* praticados como extensão da vida; é frequentar encruzilhadas convencidos da não fixidez, pois fascinados com as possibilidades do devir (NOLASCO-SILVA & LO BIANCO, 2021, p. 11).

A percepção de tempo pareceu ter se perdido momentaneamente, nos tornando absorvidas por ele, navegando entre ele, ao participarmos de encontros em que a instabilidade da internet causava *delays* de som e imagem, e a possibilidade de estar em múltiplos espaços e revisitar o encontro depois que ele se esvaziava. Os *‘espaçostempos’* *‘praticadospensados’* trouxeram inquietações e evidenciaram outras potências de criação.

Em meio a esse contexto desafiador, as artes e os artefatos culturais se revelaram como práticas vitais, necessárias e urgentes durante a pandemia. Esses artefatos se revelaram como narrativas, criações, autorias, diálogos e experiências coletivas, ultrapassando os *‘espaçostempos’* escolares, criando novos *‘conhecimentossignificações’* curriculares e ampliando as redes educativas que formamos e somos formadas (ALVES, 2019). Em constante movimento e articulação, nossas redes adquiriram novas disposições, incorporando novas poéticas cotidianas.

Por meio dos filmes, ilustrações, gravuras, livros infantis, podcasts e diversos outros artefatos culturais, outras e novas dimensões estéticas, éticas, políticas e sensíveis foram permitidas e facilitadas, desafiando as fronteiras convencionais entre as disciplinas. Outras *'prácticasteorias'*, *'saberesfazeres'*, maneiras de viver e de se relacionar com mundo foram estabelecidas junto com a pandemia.

Com tudo isso, experienciando com maior intensidade, o que já sabíamos: a partilha do sensível se movimenta pela necessidade das artes, que nos trazem possibilidades de relações mais humanas, agudizando nossos sentidos de comunidades: familiar, com as fotografias e as narrativas de histórias de “antes”; escolar, com buscas coletivas nas dificuldades de manipular artefatos que ignorávamos, que nos foram trazendo, músicas e mostras de artes visuais, permitindo experiências éticas, estéticas e políticas (ALVES *et al.*, 2021, p. 160).

Portanto, a palavra que marcou os anos letivos de 2020, 2021 e 2022, foi RECRIAÇÃO. Recreamos modos de ser, agir e pensar. Enquanto os corpos foram forçados ao emparedamento, desemparedamos as mentes. Nada em nossas diversas histórias pessoais e profissionais pode ser comparado ao que vivemos até então. Foram muitas e muitas as *'aprendizagensensinos'*, as apostas e principalmente as (re)descobertas. No início de 2022 a situação mundial ainda era pandêmica, de incertezas e mortes, tanto quanto de esperanças e novos recomeços.

Nesse sentido, que as palavras de Paulo Freire sejam a nossa meta principal: “é fundamental diminuir a distância entre o que se diz e o que se faz, de tal forma que, num dado momento, a tua fala seja a tua prática” (FREIRE, 2003, p. 61). E que nossa fala de cuidado com o/a outro/a seja a continuidade da nossa prática, garantindo assim a própria existência humana. Com isso, daremos destaque neste artigo às *'prácticasteorias'* de criação e uso das artes na Educação Infantil, no Ensino Fundamental e no Ensino Superior, com foco em narrativas autobiográficas<sup>2</sup>. São ações curriculares que articulam os tantos *'dentrofora'* das escolas, que instauraram novos processos de criação e resistência necessárias ao viver cotidiano.

## **As redes educativas que nos formam e formamos**

Em nosso grupo de pesquisa entendemos as redes educativas como *'prácticasteorias'* que permeiam a vida e as ações cotidianas desde que nascemos. Essas redes que nos formam e nas quais nos formamos são impregnadas de *'práticas'* que nos movem constantemente e que são necessárias ao nosso viver e agir no mundo, na mesma medida em que criam formas de pensamento que podemos chamar de *'teorias'*. Assim, compreendemos esses movimentos articulados entre si, acontecendo junto – ao contrário dos posicionamentos rígidos e isolados entre a prática e a teoria –, como movimento de dualidade e dicotômico. Para nós, não é possível ter prática sem teoria e teoria sem prática,

por isso trazemos a expressão *'praticantespensantes'*<sup>3</sup> em nossas pesquisas e entendemos que ela permeia qualquer ação humana. Conversamos acerca dela como:

das *'prácticasteorias'* da formação acadêmico-escolar; das *'prácticasteorias'* pedagógicas cotidianas; a das *'prácticasteorias'* de criação e "uso" das artes; das *'prácticasteorias'* das políticas de governo; das *'prácticasteorias'* coletivas dos movimentos sociais; das *'prácticasteorias'* das pesquisas em educação; das *'prácticasteorias'* de produção e "usos" de mídias; das *'prácticasteorias'* de vivências nas cidades, no campo e à beira das estradas (ALVES, 2019, p. 115).

Todas essas redes são *'espaçostempos'* de articulação e criação de *'conhecimentossignificações'*<sup>4</sup> que nos constituem como cidadãos/ãs, seres políticos/as, sociais, culturais, trabalhadores/as, educadores/as, estudantes. Com potências, direções e inter-relações diversas, deixamos marcas e somos marcados/as por todos aqueles/as com os/as quais nos relacionamos. Trata-se de processos de afetação (DELEUZE, 1980). E isso faz com que essas redes sempre estejam em movimento e mudança.

Com as *'prácticasteorias'* de criação e 'uso' das artes, foco deste artigo, podemos perceber o quanto a utilização de múltiplos artefatos culturais nas escolas se articula aos processos didáticos e se transforma em artefatos curriculares, criando escapes e linhas de fuga às barreiras disciplinares e aos controles normativos.

Em suas dimensões éticas, estéticas e políticas, as artes e os artefatos culturais são capazes de criar novos *'conhecimentossignificações'*, novas formas de existência e atos de resistência que se afastam dos consensos, beiram o inesperado e o não planejado. Outras poéticas com os cotidianos e *'fazeressaberes'* são apresentadas a todos/as nós, *'discentesdocentes'*. Desvios, encontros, atravessamentos, fissuras, travessias e travessuras ... novas formas de lidar e sentir o mundo são possíveis com as artes!

Portanto, serão apresentadas no decorrer deste texto, por cada uma das autoras, criações curriculares com as artes na Educação Infantil e no Ensino onde encontros, conversas, surpresas e inúmeras possibilidades serão reveladas em criações que se afastam de qualquer rigidez e inflexibilidade curricular.

## **Ações curriculares com as artes na Educação Infantil**

As práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil têm como eixos norteadores as interações e as brincadeiras, garantindo à criança os direitos de desenvolvimento e aprendizagem, sobre os quais as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil, em decorrência da Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009, em seu artigo 9º, item IX, ressaltaram que essas "promovam o relacionamento e a interação das crianças com diversificadas manifestações de música, artes plásticas e gráficas, cinema, fotografia, dança, teatro, poesia e literatura" (BRASIL, 2009); portanto, às crianças deve ser

oferecida uma gama muito grande de experiências com artes. Mas como fazer isso em tempos pandêmicos? Como propor ações curriculares com as artes na Educação Infantil, pelas quais as crianças possam se expressar por várias linguagens, criando suas próprias produções artísticas ou culturais, exercitando suas autorias – sejam elas coletivas ou individuais?

Um dos autores que chamamos como interlocutor nessa narrativa é Michel de Certeau. Nessa etapa da Educação Infantil, os estudos de currículo viabilizam o que acontece nas escolas, o sentido que elas têm na valorização nos/dos/com cotidianos. Nesse contexto, segundo esse autor, os conhecimentos ocorrem em diferentes contextos. O respeito à produção de cada escola e o respeito à elaboração das suas propostas pedagógicas define, por conseguinte, suas “feituas” e suas “artes de fazer” (CERTEAU, 1998), ou ainda, as práticas cotidianas são tecidas por meio de táticas. Comprendemos, contudo, que o currículo se ‘produz’ no dia a dia das relações entre ‘docentes discentes’, praticado nos ‘espaçotempos’ e pelas múltiplas redes educativas que o compõem, sem negar a existência de mecanismos formais, como as normativas, que nos regem. Podemos com isso, outrossim, dialogar com Certeau quando ele trata de tática e estratégia:

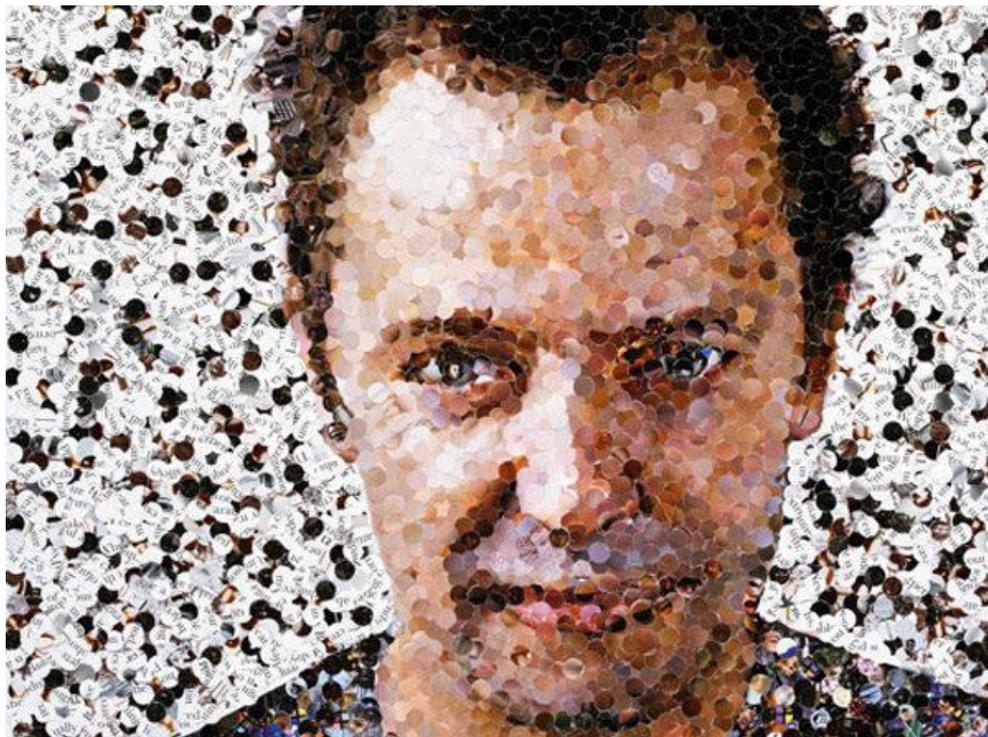
Chamo de *estratégia* o cálculo (ou a manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (...) pode ser isolado. A estratégia postula *um lugar* suscetível de ser circunscrito como *algo próprio* e ser a base de onde se podem gerir as relações com *uma exterioridade* de alvos ou ameaças (...). Como na administração de empresas, toda racionalização “estratégica” procura em primeiro lugar distinguir de um “ambiente” um “próprio”, isto é, o lugar do poder e do querer próprios. (...) Chamo de *tática* a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. Então nenhuma delimitação de fora lhe fornece a condição de autonomia. A tática não tem por lugar senão o do outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como o organiza a lei de uma força estranha. Não tem meios para se manterem a si mesma, a distância, numa posição recuada, de previsão e de convocação própria: a tática é movimento “dentro do campo de visão do inimigo”, como dizia Von Bullow, e no espaço por ele controlado. (...) em suma tática é a arte do fraco... (CERTEAU, 1998, p. 99-100)

As escolas legitimam seus cotidianos como tática, em meio a normativas vistas como estratégia, sem perder suas autonomias. Isso reverbera nas experiências aqui apresentadas de duas escolas públicas de Educação Infantil do município de Nilópolis, na Baixada Fluminense do Rio de Janeiro, uma pré-escola e uma creche, que precisam ser contempladas em função do que foi produzido como “tessituras” e outras tantas “feituas”, por mãos e realidades tão particulares e singulares.

No início de 2021, ainda em pandemia e retomando aos poucos as atividades presenciais com escalonamento das turmas da pré-escola, apresentamos a professores/as dessa faixa etária um estudo da obra de Vik Muniz e uma ‘cineconversa’ acerca do documentário produzido pelo artista em 2010, chamado *Lixo Extraordinário*, atualmente exibido por serviço de *streaming*.

Vicente José de Oliveira Muniz, mais conhecido como Vik Muniz, nasceu em São Paulo em 20 de dezembro de 1961, mudou-se para Nova York, onde mora e trabalha até hoje. É artista plástico, escultor, usa diversos materiais para compor suas obras, que são fotografadas por ele mesmo. É um artista que tem uma produção fotográfica lindíssima e é pura inspiração para fotógrafos e artistas! Ele já trabalhou utilizando papel, geleia, molho de tomate, lixos, entre tantos outros materiais (SOARES, 2023).

**Figura 1: Obra de Vik Muniz**



Fonte: *Tem na fotografia*. Disponível em <<https://temnafotografia.wordpress.com/2011/12/22/artista-da-vez-vik-muniz/>>.

**Figura 2: Cena do documentário “Lixo extraordinário”**



Fonte: Disponível em: <http://vikmuniz.net/pt/>, 2022.

**Figura 3: Algumas obras do artista como John Lennon, Superfície e Peixe**



Fonte: Print screen do site em que as obras do artista estão disponíveis.  
Disponível em: <http://vikmuniz.net/pt/>, 2022.

Depois de conhecer o artista, as crianças, no presencial, puderam fazer releituras de algumas das suas obras. Pensamos ser importante que a escola possibilite momentos em que as crianças tenham contato com os diversos tipos de arte e também possam se expressar por meio dela. Brincar com tintas, mexer com argila, fazer e modelar massinhas, tocar instrumentos, dançar, ler, escrever e desenhar são alguns exemplos de atividades que envolvem a expressão artística e que devem fazer parte do dia a dia da educação infantil. Estas atividades fazem com que as crianças explorem sua imaginação e colaborem para que se tornem adultos mais criativos e sensíveis. Seguem abaixo algumas imagens de experiências que as crianças tiveram no processo de recriação das obras de Vik Muniz.

**Figura 4: Algumas recriações das crianças**



Fonte: Trabalhos das crianças. Arquivo pessoal, 2021.

Foi possível perceber que as artes na Educação Infantil se articulam na produção de diversos saberes que refletem em expressões artísticas, cuja complexidade resulta na compreensão e na interação com o mundo de forma plural, o que também favorece o respeito à diversidade cultural, além de propiciar a troca de culturas e a percepção de diferenças e semelhanças entre elas.

A outra experiência que trazemos aqui diz respeito à faixa etária da creche, numa Unidade Escolar pública que só atende bebês de 06 meses a 03 anos e 11 meses, igualmente no município de Nilópolis, Baixada Fluminense do Rio de Janeiro. Toda a produção com os cotidianos e dos *'fazeres saberes'* apresentados nessa creche é no sentido de a criança ser protagonista de si mesma, de poder usar sua liberdade para criar telas e obras infinitas a partir do contato espontâneo com materiais artísticos diversos.

A organização de sentidos do mundo simbólico, à disposição das crianças, é um ato criador, ao mesmo tempo individual e coletivo. Ao reconstruir os sentidos das experiências para si, a criança articula as experiências de fora às suas possibilidades de percepção e leitura de mundo. Neste sentido, não apenas reproduz o que percebe, mas cria outros sentidos, dá outras formas e contornos e usa a sua imaginação para ampliar a sua leitura de mundo, articulando significados próprios para o que observa e percebe.

Nessa creche específica, foi realizado um momento de contação de história em que, após a audição da mesma, os bebês puderam realizar experimentações diversas, onde vivenciaram o tempo todo, interagindo com a arte de forma implícita, um importante troca com o outro, com o próprio corpo, para que possam diferenciar e perceber características essenciais do processo de criação. As primeiras histórias apresentadas numa dessas atividades coletivas foram:

**Figura 5: As histórias apresentadas às crianças**



**Fonte:** *Meninos de Todas as Cores*. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=g-HEhUf\\_5wo](https://www.youtube.com/watch?v=g-HEhUf_5wo) e *Qual é a cor do amor?* Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LlJLvcuRrAc>.

Após o momento das histórias, as crianças foram para o espaço externo da creche experimentar e criar múltiplas novos *'conhecimentossignificações'* nos/dos/com os cotidianos com os diversos materiais disponíveis para suas criações, entre eles, tintas comestíveis feitas especialmente para esse momento no *'espaçostempos'* da creche.

**Figura 6: Fotos das crianças nos cotidianos**



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

Com eles, surgiram momentos inesperados, nos quais as crianças descobriram outras telas e o próprio corpo, que não estavam previstos e planejados para essa proposta; mas elas se aventuraram nesse caminho e puderam criar e recriar suas artes nos/dos/com os cotidianos da creche, nessa tessitura das redes educativas em que nos formamos e pelas quais somos formadas.

## Ações curriculares com as artes no Ensino Fundamental

Há dezesseis anos, ingressei na rede pública municipal da cidade do Rio de Janeiro como professora de Artes Plásticas, com a ideia de que as grandes produções artísticas e culturais deveriam ser acessíveis a todos/as os/as estudantes. Todavia, somente as artes europeias, hegemônicas, é que ocupam os grandes museus, galerias mundiais e os famosos livros de história da arte. Nesse contexto, pensava que o currículo deveria ser seguido à risca, sem nenhuma intervenção que o fizesse desviar de seu percurso ideal. As redes que me formaram até aquele momento me mostraram isso.

O que os *'espaçostempos'* escolares me apresentaram, e ainda apresentam, é que existem outros caminhos e outras possibilidades. Outros *'fazeressaberes'* curriculares e ideias que não se encaixam em documentos oficiais e normas. Escola é vida! Movimentações, fluxos, conexões e atravessamentos inesperados. São cidades, identidades, criações, corpos, chãos. Imagens, sons, sentidos, sentimentos, gostos, gestos ... Lutas e resistências!

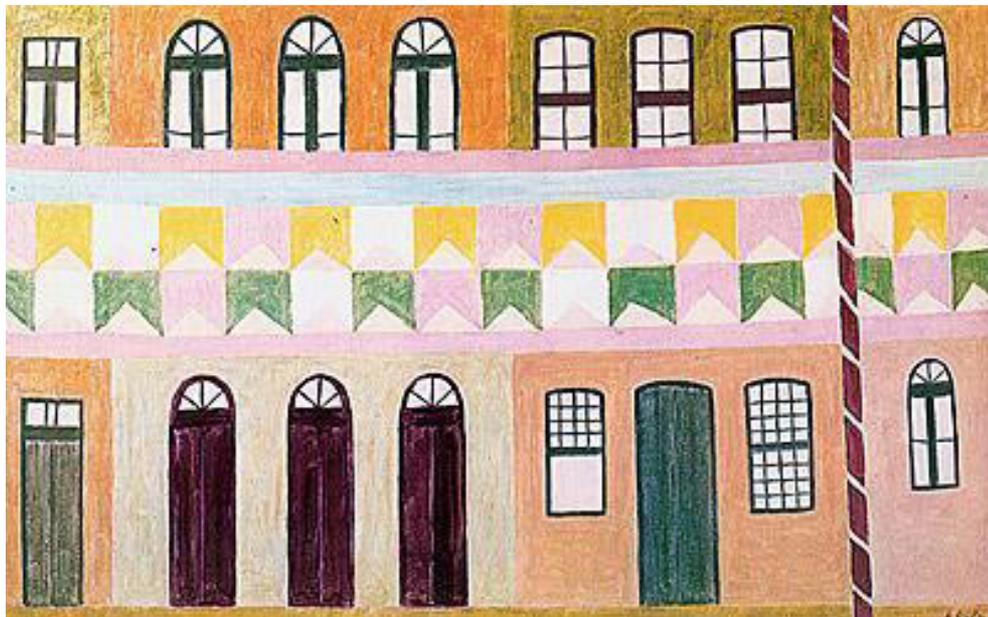
E a pandemia da Covid-19 veio nos mostrar isso de forma muito latente. Tivemos que aprender ou intensificar o uso das plataformas digitais a nosso favor. Fizemos e divulgamos vídeos, contamos histórias, criamos com *podcasts*, e os aplicativos de trocas de mensagens e edição de imagens e sons viraram as nossas ferramentas pedagógicas diárias. Voamos e navegamos por lugares que não eram comuns. Saímos da zona de conforto.

Fomos nós e os/as outros/as, *'discentesdocentes'* – tudo junto e misturado –, quem nos arriscamos a movimentar as escolas para além dos microfascismos que “colonizam nossos desejos e nossos pensamentos” (GALLO, 2009, p. 33).

Professores, somos todos militantes dos cotidianos. [...] está aberta para nós a escolha de ceder aos fluxos codificados e estriados dos processos pedagógicos, fazendo o jogo dos microfascismos, ou então de ser vetores de descodificação, de investimento em outros fluxos, em linhas de fuga. [...] Corremos sempre, claro, o risco de sermos capturados, cooptados, estriados. Mas o preço da segurança é muito maior: significaria abrir mão, de antemão, de toda e qualquer possibilidade de resistência, de toda e qualquer possibilidade de criação e de singularização (GALLO, 2009, p. 33-34).

Por isso, criar com as artes independe de uma estrutura de currículos em disciplinas. Outras e novas possibilidades de articulações curriculares são indicadas pela utilização de artefatos culturais diversos nos *'espaçostempos'* escolares e além deles. Trago uma atividade desenvolvida em 2021, com turmas de 3º ano do Ensino Fundamental da rede pública da cidade do Rio de Janeiro, acerca dos elementos geométricos e de alguns artistas plásticos brasileiros que os utilizam em suas composições.

Figura 7: Obra de Alfredo Volpi, 1950



Fonte: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2022. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra1781/fachada-com-bandeirinhas>. Acesso em: 08 de março de 2022.

Fruímos com Alfredo Volpi. A medida em que vídeos e imagens invadiam as telas, lares e sentidos dos jovens estudantes, nos aventuramos pela riqueza de suas construções, janelas e bandeirinhas coloridas e geometrizadas. Incialmente, a proposta consistia em criar colagens utilizando materiais variados e de diferentes cores e texturas, mas “num fazer nômade de deslocamentos” (TOJA, CONCEIÇÃO & MALHEIROS, 2021, p. 280) e experimentações, materiais não muito usuais foram incorporados na execução da atividade.

Conhecemos a inúmeras adversidades enfrentadas por estudantes e professores durante o período pandêmico que foi marcado por negacionismos em diversas esferas e aspectos. Muitos de nossos direitos foram suprimidos, e a escassez de recursos para planejar, conduzir e participar das aulas remotas foi imensa. Apesar dos desafios, seguimos! Nossos pensamentos fluíram em diversas direções, e muitas vezes aquilo que havíamos idealizado anteriormente escapou pelas mãos e pelo controle fictício da sensibilidade do outro.

Figura 8: Colagem criada por Camila, de 9 anos



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

As cartolinas, os papéis cartão ou crepom, usualmente utilizados em criações com as artes, foram deixados de lado para dar espaço a novas combinações e concepções. Em substituição aos materiais inicialmente pensados para a atividade, Camila me surpreendeu e optou por usar algo acessível e comum aos cotidianos: encartes de supermercados. Numa experiência única e inédita, diante de recursos limitados, nos envolvemos em estésias e poéticas outras marcadas por polifonias e criatividade. Com isso, nossas redes educativas e currículos foram atravessados por belos e novos *'conhecimentossignificações'*.

Outra atividade realizada com crianças entre 9 e 10 anos da mesma rede pública da cidade do Rio de Janeiro no retorno ao ensino presencial, em 2022, foi pensada e planejada a partir de um pedido muito comum feito pelos estudantes: *"Tia, me empresta o lápis cor de pele?"*.

Muitos já devem ter escutado essa clássica pergunta em algumas salas de aulas e também fora delas. Como professora de Artes Visuais, ela me acompanha nos *'espaçostempos'* escolares desde sempre. Desde as séries iniciais do Ensino Fundamental ao Ensino Médio, essa é uma pergunta que me impulsiona a pensar sobre redes educativas, vivências, experiências, memórias, imagens, escutas e ausências.

Mas o que existe de tão inquietante nessa pergunta? Será que as crianças, adolescentes e jovens já pararam para observar atentamente a cor daquele lápis rosa que eles/elas associam às cores de todas as peles? Ou apenas reproduzem uma denominação culturalmente e socialmente estabelecida? As classificações generalizadas e igualitárias sobre

a diversidade brasileira também fazem com que um único lápis de cor represente a tonalidade da pele de pessoas tão múltiplas e diversas.

Então, como instigar nos estudantes outras formas de *'verouirsentirpensarcriar'* o mundo e os cotidianos, buscando uma conexão mais potente, curiosa, suave e livre de paradigmas excludentes? Como assentar o pensamento em outras matrizes, como nos aponta Lima (2020, p. 238)?

Pensando nisso tudo, usamos as fotografias da artista Angélica Dass e seu projeto em andamento chamado *Humanae*, para movimentar o pensamento. Em seus registros de mais de 4.000 voluntários de 20 países diferentes, Angélica tenta mostrar as verdadeiras cores da humanidade, colocando em questão as contradições e estereótipos relacionados à questão racial. A artista ainda combina o tom de pele dos voluntários com a paleta industrial Pantone.

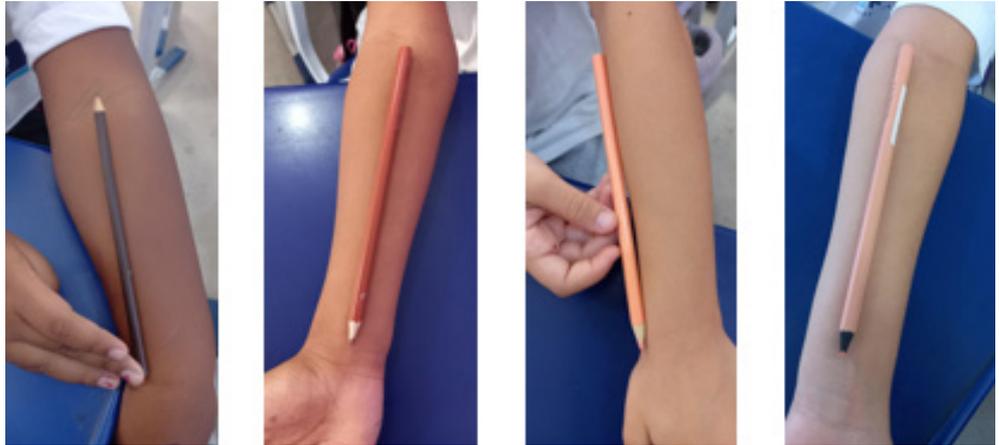
**Figura 9: Projeto *Humanae*, de Angélica Dass**



**Fonte:** *Humanae* – Angélica Dass, 2016. Disponível em: <<https://angelicadass.com/pt/foto/humanae/>>.

Movida por perguntas e brincadeiras, o desafio foi buscar por cores que se aproximam do tom de pele dos/das estudantes, meninas e meninos, em sua maioria negras e negros. A partir de então, o preto, o marrom escuro, o marrom claro, o bege e o laranja foram as cores com as quais eles/elas se identificaram e se reconheceram. Um autorreconhecimento que se configurou como uma energia vital de afirmação de identidade e (re)existência.

**Figura 10: Lápis cores de peles**



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

Nessa composição de afetos e criação de novas histórias e caminhos, a infância que se apresentou diante de mim pareceu mergulhar numa outra corporeidade, desvendada dentro de uma caixa cheia de cores que agora se aproximam da sua realidade, do seu mundo. Cores que, anteriormente, raramente apareciam nos desenhos ou retratos dos estudantes (MALHEIROS, 2023, p. 60).

Explorar novas experiências e vivências é assegurar a formação de memórias e narrativas inéditas. É emergir em tramas resistentes que conferem vozes, significados e emoções em cada indivíduo. Juntos pintamos novos e fascinantes telas, transformando acontecimentos imprevisíveis em linhas de fuga e percursos nômades que nos libertem de uma democracia racial, social e política ilusória. É criar novas redes e formas de existências.

### **A música, a literatura e o audiovisual como criações curriculares nas videoaulas, no ensino remoto, híbrido e no retorno às aulas presenciais ainda da erosão (2020)**

Em abril de 2020, mais intensamente, iniciei aulas remotas com crianças da educação infantil. Algumas com três anos, outras completando quatro anos. Coincidentemente a mesma idade do meu filho mais novo. Naquele mês corrido e turbulento nos apressamos para organizar brincadeiras intermediadas por telas, fossem do computador, celular ou tablet com as crianças. Meu filho mais novo, curioso, dizia: 'mamãe também quero ir à escola pelo computador!'.

A incompletude de não estar lado a lado fisicamente com as crianças dava lugar às criações de como brincar através de telas. Fariamos o possível e não o ideal: ‘dava para o gasto’ (será?), era o que poderíamos ter naquele momento. Ver um rosto amigo, de uma professora que já estava há dois anos participando das vivências no ensino presencial com elas, nos parecia importante.

Com esse grupo de doze crianças, iniciei enquanto ainda engatinhavam e balbuciavam suas primeiras palavras. As conversas diárias na porta, os choros de saudade, os primeiros passinhos, foram presenciados por mim, na época, um estagiário e uma auxiliar de turma. O vínculo já estava abraçado pelo cotidiano. Agora, iria para o cotidiano das telas.

Assim que iniciamos as conversas *online*, observei mais sorrisos e saudade do que entristecimento e chateação. Nos primeiros encontros remotos, ganhei abraços e beijos molhados pela câmera. Era um misto de sensações e afetações enquanto professora. As atividades precisavam ser muito bem planejadas. Esse período durou seis meses, porque ainda no ano de 2020 a escola decidiu retornar com algumas poucas vivências na escola, realizando um ensino híbrido. Um retorno que fora consultado entre os/as professores/as.

Então, um dia ou outro, algumas crianças visitavam e brincavam um pouco no pátio, riscavam o chão com o giz, davam banho nos bichos, carros e bonecas, conversam entre máscaras e domavam seus corpos para não pular umas nas outras para abraçar de saudade. Todas envelopadas, com álcool em gel e máscaras. Como professora de crianças pequenas, ainda me questiono o quão importante e necessário foi aquele contato físico, frente aos tantos entristecimento ecoando mundo afora. Me pergunto e tento me lembrar do meu estado naquele momento, se estava lá para elas. E se a dificuldade de ficar longe dos abraços, dos cheiros, do ‘dar colinho’ não seria ainda mais preocupante frente às novas questões emocionais, psicológicas, físicas ou sociais que poderiam ser acarretadas. Mesmo assim, foi prazeroso, consegui perceber sorrisos, afetos, cheiros, mesmo através das máscaras babadas ou suadas. Criamos um estar junto diferente, intermediado por terra, água, giz, tintas, música, dança, entre outros artefatos dos quais agora não me recordo, e criamos uma maneira singular de estarmos juntos/as.

Diante desse contexto, fomos juntos/as nos jogando em videoaulas, aulas remotas e híbridas. Para este artigo, trago um extrato de uma atividade realizada em uma videoaula e que depois foi resgatada nas conversas *online*, por meio da brincadeira ou da contação do livro *A minhoca Filomena* (2008), de Márcia Glória Rodriguez Dominguez, com ilustrações de Rebeca Simone. Os bichos, a natureza, a terra sempre foram para esse grupo um grande encantamento. Pensando nisso, juntei a família, para trazer a tão famosa minhoca Filomena<sup>5</sup>, uma das muitas músicas que cantávamos nas aulas.

**Figura 11: Minhoca Filomena**



Fonte: Arquivo pessoal, 2020.

Entre os quadrados e retângulos de nossos lares, pudemos observar nos detalhes as acolhidas de crianças ainda sensibilizadas por um isolamento. Nessas metamorfoses de horas que não passam, esbarramos e partilhamos de uma sensibilidade que, ao mesmo tempo, é *comum* a todos/as, mas também está em um lugar de disputa *comum*, se pensarmos na diversidade das atividades humanas existentes, como conta Jacques Rancière (2005). Abrindo algumas brechas, a partilha do sensível se movimenta como um modo que estrutura a forma pela qual as manifestações artísticas serão percebidas e pensadas como artes e como inscrições do sentido na comunidade.

Murray Schafer, compositor, educador e pesquisador canadense, indica em *O ouvido pensante* (1991) que aqueles/as que dormem como as máquinas são indiferentes aos ruídos, porque não escutam, não têm ouvidos para percebê-los. Apenas para os/as insensíveis o ruído não é válido. Alguém verdadeiramente emocionado/a com a música é sensível aos sons, e apenas os/as que ouvem os ruídos dos aplausos conseguem entender que se constituem como uma interferência na vida. O mundo está cheio de som. Ouça. Abertamente atento/a a tudo que estiver vibrando, ouça. Sente-se em silêncio por um momento e receba os sons. Muitas vezes descobrimos que desenvolvemos uma consciência aguda de um sentido receptor, eliminando os outros (SCHAFFER, 1991).

## Uma pausa para não concluir o que não tem conclusão

A arte e os usos de artefatos culturais e tecnológicos mobilizam emoções, sentimentos, pensamentos e corpos. O trato com as artes nos processos educativos cria ambientes de sensibilização que extrapolam a rigidez e a frieza que possam ser geradas nas relações virtuais. O encontro entre as artes e as tecnologias digitais podem revelar um currículo brincante, como método que criará aproximações entre elas e a ciência, manifestadas nas redes educativas que tecemos e que nos enredam. O resultado é evidenciado no potencial criador das pessoas nas adversidades, no conflito entre o virtual e o real, no isolamento e na liberdade, nas ações de *'praticantespensantes'* *'discentesdocentes'* comprometidas com os gestos de criar uma educação amorosa, com sua estética própria, na direção da ética democrática e criadora. Assim, as três experiências narradas nos inspiram a nos abandonarmos ao acaso, atentos/as aos acontecimentos cotidianos na criação de *'conhecimentossignificações'* nos modos de *'fazerpensar'* currículos.

Recebido em: 20/07/2023; Aprovado em: 13/10/2023.

## Notas

- 1 As dicotomias foram criadas como necessidade no surgimento das ciências na Modernidade. Hoje, nas pesquisas com os cotidianos, elas significam limites ao que precisamos *'fazerpensar'* nos processos que desenvolvemos. Com isso, decidimos grafar juntos, em itálico e com aspas simples, termos dicotomizados (ex. *'prácticateoria'*), bem como os processos pensados como sucessivos e que sabemos serem concomitantes (ex. *'verouvirsentir-pensar'*), para nos lembrarmos das marcas que temos de nossa formação em *'espaçotempos'* de hegemonias diversas.
- 2 Razão pela qual optamos por redigir trechos do artigo na primeira pessoa do singular.
- 3 Oliveira (2012), ao tratar das relações entre praticantes de estudos com os cotidianos, percebe e entende, ao se colocar em congruência com o que aprendemos com Michel de Certeau, que os/as praticantes são os/as mesmos que criam os conhecimentos, portanto podemos entendê-los/las como *'praticantespensantes'*. Entendemos que não existem práticas dissociadas de pensamentos. Temos a ideia de um movimento cíclico: praticar-pensar-praticar-pensar-praticar... Talvez não seja movimento cíclico, e sim de mistura (TOJA, 2021, p. 63).
- 4 Em processos de pesquisa percebemos que a criação de conhecimentos – nos cotidianos e nas ciências – traz junto a necessidade de criação de significações sociais aos conhecimentos criados. Fazemos lembrar disso quando escrevemos *'conhecimentossignificações'* indicando que precisamos estar atentos/as a essa criação simultânea.
- 5 Disponível em: <<https://youtu.be/VUZSiCaNLn0>>. Acesso em: 16 out. 2022.

## Referências

- ALVES, Nilda. Sobre as redes educativas que formamos e que nos formam. In: ALVES, Nilda. *Práticas pedagógicas em imagens e narrativas: memórias de processos didáticos e curriculares para pensar as escolas hoje*. São Paulo: Cortez, 2019, p. 215-133.
- ALVES, Nilda *et al.* Só as artes nos salvam!!!! – as tantas crianças que há em nós. *Revista Digital do LAV*, Santa Maria, v. 14, n. 2, p. 158-172 – maio/ago. 2021 ISSN 1983 – 7348. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5902/1983734866693>>. Acesso em: 09 out. 2022.
- BRASIL. Resolução CNE/CEB nº 5, de 17 de dezembro de 2009. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF: MEC, 2009.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.
- DASS, Angélica, *Humanae*, 2022. Disponível em: <<https://angelicadass.com/>>. Acesso em: 10 out. 2020.
- DELEUZE, Gilles. Não somos pessoas, somos acontecimentos. Paris: [s.n.], 3 jun. 1980. Publicado pelo Canal Rodrigo Lucheta. 1 vídeo. (73 min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1CpsFZUBkO8>>. Acesso em: 06 out. 2020.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz & Terra, 2003.
- GALLO, Silvio. A Vila: microfascismos, fundamentalismo e educação. In: GALLO, Silvio & VEIGANETO, Alfredo (Orgs.). *Fundamentalismo e Educação: A Vila*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p. 17-35.
- LIMA, Camila Machado de. *O que eu mais gostei na escola foi do seu cabelo: por uma formação docente infantil e denegrida*. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2020. MACHADO, Arlindo. *O quarto iconoclasmo e outros ensaios hereges*. Rio de Janeiro: Marca d'Água, 2001.
- MALHEIROS, Talita dos Santos. Poéticas com os cotidianos: artes como criações curriculares, estética da vida, ética e política visual. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação, 2023.
- NOLASCO-SILVA, Leonardo & LO BIANCO, Vittorio. Docências em tempos de cibercultura. *Tecnodocências*, 2021. Disponível em: <[www.tecnodocencias.com/ava/index.php](http://www.tecnodocencias.com/ava/index.php)>. Acesso em: 13 maio 2021.
- OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Currículos e pesquisas com os cotidianos: o caráter emancipatório dos currículos ‘pensadospraticados’ pelos ‘praticantespensantes’ dos cotidianos das escolas. In: FERRAÇO, Carlos Eduardo; CARVALHO, Janete Magalhães (orgs.). *Currículos, pesquisas, conhecimentos e produção de subjetividades*. Petrópolis: DP et Alii, 2012. p. 47-70.
- RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. São Paulo: EXO experimental org.; Ed. 34, 2005.
- SCHAFER, Murray. *O ouvido pensante*. São Paulo, Editora Unesp, 1991.
- SOARES, Natália. Artista da vez: Vik Muniz. Disponível em <<https://temnafotografia.wordpress.com/2011/12/22/artista-da-vez-vik-muniz>> 2011. Acesso em 01 de abril de 2023.
- SOUZA, Denise Cruz Cândido Miranda de. *Plano de Ação Orientadoras Pedagógicas da EI, 2021*. Secretaria Municipal de Educação de Nilópolis – SEMED/ Nilópolis, 2021.

TOJA, Noale; CONCEIÇÃO, Rafaela Rodrigues da & MALHEIROS, Talita. Criações e usos das Artes como tecelãs de 'conhecimentossignificações' curriculares. *Série-Estudos*, Campo Grande, MS, v. 26, n. 58, p. 265-284, set./dez. 2021. DOI: <<http://dx.doi.org/10.20435/serie-estudos.v26i58.1603>>. Acesso em: 13 maio 2021.

TOJA, Noale. *Movimentos migratórios e seus 'fazeressaberes' culinários nos/dos/com os cotidianos como questão curricular*. 2021. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.